

Potencial desperdiçado

A cotonicultura brasileira merece condições sustentáveis de expansão que consigam evitar nova quebra

HÉLIO TOLLINI

As vantagens comparativas que o Brasil apresenta no contexto mundial do agronegócio foram um dos temas da recente campanha presidencial. A necessidade de aumentar a geração de divisas e empregos fez com que o assunto obtivesse mesmo certo destaque nos debates.

O agronegócio do algodão é um setor com alta capacidade de gerar empregos e divisas e merece a atenção de qualquer governo. Os países concorrentes se valem de subsídios e barreiras comerciais de todos os tipos para manter sua produção e seus mercados. O Brasil terá que pensar claramente sobre uma estratégia para o setor e traçar uma política de médio prazo que crie condições sustentáveis de expansão das atividades, tanto no mercado interno quanto no externo, se quiser evitar nova quebra.

A história do algodão não garante que será possível contar com tal tipo de política. Enquanto nossos concorrentes têm visão clara de seus objetivos para o setor e sustentam suas perspectivas em estratégias bem definidas para manter ou ampliar suas fatias no mercado internacional do algodão, nós trabalhamos safra a safra, momento a momento. A Austrália, grande produtor de algodão irrigado, que exporta quase toda a produção, sofre atualmente séria limitação de água e sua produção não é sustentável nos atuais níveis. Reduzindo a Austrália sua participação nos mercados costumeiros, o Brasil – apesar de ser o país em melhor situação para expandir produção e exportação – dificilmente ficará com o mercado deixado pelo grande produtor de algodão. Compete ao Brasil tentar se transformar em protagonista de seu próprio potencial. Será preciso, para isso, eliminar falsas idéias e promover medidas claras de apoio ao setor. Isso não implica transferência de recursos da sociedade em geral para o setor cotonicultor. Há muito o que fazer antes de entrar em competição impossível com o Tesouro dos países ricos.

Considerando que nas próximas duas décadas cerca de 2,2 bilhões de pessoas serão acrescidas à população mundial, e que cerca de 95% dessas pessoas estarão vivendo nos países em desenvolvimento, é evidente a oportunidade que se oferece para um país com potencial produtivo e política adequada. Aproveitar essa oportunidade requer que se deixem de lado idéias errôneas sobre agricultura, que resultariam em desestímulo à atividade.

Evolução recente do algodão

Os dados da evolução de área e produção na última década dos anos 90 e nos dois primeiros anos desta década são reveladores. A cotonicultura teve sua área reduzida à metade no início dos anos 90. O que pode fazer com que uma atividade agrícola desse porte reduza sua área drasticamente em curto espaço de tempo? Certamente, as dificuldades que o setor enfrentou naquela época fizeram com que os produtores abandonassem a atividade.

Vários fatores influíram na derrocada da cultura uma década atrás. O alto custo da lavoura de algodão foi agravado pela necessidade de ainda maiores investimentos para o controle de nova praga. Nesse cenário, o mercado interno foi aberto à entrada do produto de países que subsidiam fortemente suas produções e exportações de algodão. É difícil compreender a lógica da decisão que permitiu livre entrada de algodão altamente subsidiado em seus países de origem, mas foi o que aconteceu. A queda na área de algodão pela metade em dois ou três anos foi o preço pago pelo país.

O custo real foi a perda de divisas e de empregos. De país auto-suficiente, o que já era inadequado ao potencial brasileiro, o Brasil assumiu a dúbia honra de passar a ser o maior importador de algodão do mundo. Essa história agora é velha, mas apresenta lições. Ela indica que, no caso de a atividade não oferecer retorno mínimo ao produtor, ele pode abandoná-la. Há opções para o produtor de algodão e isso deve ser bem avaliado

para evitar que toda a cadeia têxtil venha a sofrer novamente, como no início dos anos 90.

Demonstrando vitalidade e potencial de reação, os produtores de algodão retomaram a atividade, quando a situação melhorou, e implantaram uma nova cotonicultura em outra região. O desenvolvimento do algodão no Centro-Oeste foi uma demonstração da capacidade empresarial dos produtores de algodão. Os níveis de produção voltaram ao que eram antes da crise – mas a área continuou sendo a metade do que fora. A produtividade aumentou significativamente, graças à introdução de nova tecnologia e à capacidade de assumir riscos e gerenciar dos produtores.

A lição que se deve tirar dessa pequena história é que a cotonicultura está mais profissionalizada, com maior poder de reação aos desestímulos e aos estímulos. Se o algodão apresenta problemas de retorno financeiro, o produtor mudará para culturas alternativas, como soja e milho. Mas o interesse do país é que ele expanda a produção de todos esses produtos. Se o país permitir que a atividade sofra competição injusta, que a comercialização do produto gere desestímulo, rapidamente terá de importar algodão com dólar caro e a preços maiores do que os da produção nacional. A médio prazo, é a crise na indústria têxtil.

Potencial de crescimento: oportunidades e riscos

É muito grande o potencial de crescimento da produção de algodão no país. Estimam-se em 90 milhões de hectares as terras disponíveis para agricultura no Centro-Oeste brasileiro. São terras que não apresentam risco ao meio ambiente. É potencial conhecido dos nossos principais competidores, que bem sabem que essa área pode produzir a custos muito competitivos. Enquanto competidores dependem de subsídios para se manterem na atividade aos níveis atuais de produção e exportação, o Brasil pode expandir significativamente sua atividade no agronegócio algodão, ampliando empregos, renda e geração de divisas. A Bahia é outra área que vem se destacando no cenário do algodão. Também com alta capacidade empresarial e comandando amplo conhecimento tecnológico, o potencial baiano é grande. As antigas áreas do Paraná, São Paulo e Minas Gerais, sacrificadas na crise do início dos anos 90, também podem se reestruturar e expandir suas produções.

No momento, as previsões da Conab indicam que a área plantada para 2003 será algo menor do que a plantada para 2002. Os produtores estão sentindo que outras culturas, com menores custos e comercialização mais fácil, apresentam vantagens sobre o algodão. É o caso da soja, com custo de produção de 30% do custo do algodão. É o caso do milho também. Como a previsão é de que a safra do próximo ano sofrerá menos com intempéries climáticas do que a de 2002, a produção total está estimada em cerca das mesmas 780 a 800 mil toneladas. Mas é preciso começar a pensar o que o país deseja para 2004. É possível querer mais milho, mais soja e mais algodão – isto é, mais emprego, renda e saldo de divisas do que se permanecermos aumentando uma atividade e diminuindo outras, deixando potencial ocioso.

A história do algodão não garante que será possível contar com uma política adequada. Nossos concorrentes fixam objetivos e sustentam suas perspectivas em estratégias bem definidas para o mercado internacional; nós trabalhamos safra a safra, momento a momento.

A facilidade maior para comercializar outras culturas fica bem clara quando se verifica que a soja, com grande safra à vista, já está com 50% da próxima colheita comercializados. O algodão, que terá oferta limitada, ainda não comercializou 20%. Sabendo a importância para o produtor de vender antecipadamente parte de sua colheita, fica evidente a diferença. Parte do problema está também na questão dos preços. O preço interno não acompanhou a subida dos preços internacionais. A diferença é de 20 a 60% a mais no mercado externo. A indústria brasileira teria pago algo como 40 a 80% a mais pelo algodão importado, caso os produtores brasileiros não tivessem mantido a produção nos níveis deste ano. Se deixarmos que esses fatores levem os produtores a reduzir ainda mais sua produção de algodão, teremos de gastar grande quantidade de dólares para comprar algodão subsidiado no exterior, e perderemos número significante de empregos aqui. A situação é bastante simples. A questão é saber como as autoridades vão lidar com os riscos de o setor deixar o algodão de lado.

Expectativas das lideranças

A expectativa dos produtores é neutra no momento. Não há segurança sobre a posição do novo governo sobre a importância da agricultura comercial. É lógico que as pessoas lúcidas do novo governo conhecem a importância do agronegócio do algodão. As expressões de apoio aos setores que geram emprego e renda farão com que o setor de algodão mereça atenção.

A liderança do algodão não reclama subsídios como os praticados por países concorrentes. Através do governo brasileiro, a liderança e os produtores estão com um pedido de consultas [pedem diálogo] com os EUA, grande produtor e exportador de algodão subsidiado, na Organização Mundial do Comércio (OMC). É certamente uma luta desigual. Mas os produtores estão fazendo sua parte para serem protagonistas de seu próprio potencial. Apesar dos altos custos e riscos envolvidos, demonstram claramente à nação que lutam pela possibilidade de produzir, de gerar empregos, renda e divisas. É de se esperar que o próximo governo adote essa luta, não como manifestação política, mas como argumentação econômica entre parceiros que devem se entender dentro das regras estabelecidas na OMC.

Hélio Tollini *é Ph.D. em economia, sócio-gerente da HT Consultoria em Economia Rural e diretor executivo da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa).*
ht@abrapa.com.br